



Nas bancas

Pesquisa demonstra que blogs melhoram desempenho escolar



Foto: Divulgação

A professora Cláudia Rodrigues, autora da dissertação: "Os adolescentes passaram a escrever mais"

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Os blogs já se transformaram em ferramenta de otimização do aproveitamento no aprendizado escolar. Na experiência da professora Cláudia Rodrigues, que dá aulas de Redação do ensino médio, a iniciativa mostrou-se mais do que positiva. "As discussões tiveram maior alcance do ponto de vista temático e passaram a ser estendidas para além da sala de aula. Despertou nos adolescentes o desejo de escrever mais", atesta Cláudia, que apresentou dissertação de mestrado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) com os resultados da estratégia aplicada em quatro turmas de uma escola em Minas Gerais, em 2007.

Os blogs – espaço de interação na internet que são atualizados periodicamente e obedecem a uma ordem cronológica – consistem em um fenômeno recente, mas que conquistou as mais diferentes categorias de internautas pela própria dinâmica da página. No blog, explica Cláudia, os alunos são colocados em contato com diversas fontes e opiniões e, neste aspecto, pode-se exercitar o poder de

argumentação. "Trata-se de uma ferramenta motivadora para a escrita, que pode ser usada pelo professor, e que se transforma em espaço de debate para o aluno", esclarece.

Segundo a professora, a escola ainda possui resistência em levar para sala de aula gêneros digitais que possam auxiliar o ensino. Na opinião da autora da pesquisa, muitos ainda vêm a internet apenas como um instrumento de entretenimento e não se dão conta de sua utilidade nos estudos e pesquisas. Ela alega ainda o domínio que os jovens possuem com as tecnologias da informação e que isso melhor poderia ser aproveitado no ambiente escolar.

Para Cláudia, um dos grandes entraves para a aceitação do blog como estratégia de ensino seria a linguagem própria que a internet produz. E como uma espécie de dialeto que os jovens utilizam para expressar suas opiniões. Mas "não se trata de substituir a forma de ensinar a norma culta. Ela tem seu espaço já reconhecido, assim como a linguagem informal. A minha proposta é utilizar um novo espaço para otimizar os debates ocorridos em sala de aula e despertar o interesse pela escrita", explica.

O estudo, orientado pela professora Denise Bértoli Braga, envolveu a

produção de 20 blogs. Destes, foram selecionados quatro para a análise de dados da dissertação e justificar a importância do estudo. Cláudia conta que a ideia de inserir os blogs nas aulas de produção textual partiu de uma percepção, ao longo dos anos, de que havia uma carência nos debates realizados em sala e, ainda, em decorrência disso uma limitação nas discussões. A experiência, esclarece, demonstrou que a interação aumentou o interesse pela escrita, assim como os alunos passaram a buscar por orientações dos outros professores para embasar as suas opiniões promovendo, desta forma, a interdisciplinaridade.

As discussões envolveram também família e amigos dos alunos. Pelo fato do blog ser público, não há limitações de acesso. Em decorrência disto, o aluno se preocupa mais com suas produções porque seu texto não é mais direcionado apenas à avaliação do professor – neste ambiente, passa a ser coletivo. "Os alunos dominam os fóruns, chats e msn e sabem o que é e como trabalhar com estes meios. Eles invadiram a vida de todo mundo e não há como fugir desta realidade. A escola pode, portanto, utilizar destes canais como mais uma ferramenta", declara.



Foto: Antonio Scarpinetti

A fisioterapeuta Maria Carolina Ramos Perissinotto: exercícios podem melhorar a força muscular do assoalho pélvico

Fisioterapia atenua incontinência causada por retirada da próstata

Pesquisa realizada pela fisioterapeuta Maria Carolina Ramos Perissinotto revelou que exercícios podem melhorar a força muscular do assoalho pélvico em indivíduos que sofrem de incontinência urinária após cirurgia de retirada da próstata. A dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Médicas (FCM), orientada pelo professor Carlos Arturo Levi D'Ancona, sugere que este tipo de tratamento seja melhor investigado, pois a incidência em pacientes pode chegar até 57%.

Segundo Maria Carolina, a fisioterapia é uma alternativa no tratamento da incontinência pós-prostatectomia radical no primeiro ano após a cirurgia. "Não são esclarecidos na literatura os motivos que levam o indivíduo a sofrer com o mal após cirurgia, mas é fato que ao treinar o músculo do esfíncter externo – que serve como porta de saída urinária – pode-se devolver a função e fazer o fechamento da pressão uretral", explica.

Foram seis meses de acompanha-

mento em 28 pacientes, atendidos no Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp. Para comparar os resultados, também se observou um grupo-controle que não participou dos exercícios, somando um total de 28 voluntários. O protocolo de tratamento desenvolvido, segundo a fisioterapeuta, foi relativamente simples, de forma a ser realizado no próprio domicílio.

A questão, conta Maria Carolina, foi tentar melhorar a qualidade de vida dos pacientes, uma vez que a incontinência causa um impacto negativo em razão do uso de absorventes e de outros tipos de transtornos. "Após a operação, é possível permanecer mais de um ano com o incômodo", alega a fisioterapeuta. Mas, nos testes, não foram obtidos resultados significativos pela amostragem, que se mostrou insuficiente. O estudo indicou, no entanto, aumento da força muscular, o que aponta para grandes possibilidades de abreviar o período de incontinência, bem como a melhora no mecanismo de continência. (R.C.S.)

Um método eficaz para testes de bioequivalência

Uma pesquisa desenvolvida na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) propõe um método para quantificação da levocetirizina no plasma humano com o objetivo de comprovar a bioequivalência entre dois medicamentos. Ou seja, se poderia ou não ser considerado como medicamento genérico. A importância de se realizar o estudo com a levocetirizina reside no fato de que se trata de um antihistamínico – ou anti-alérgico – de segunda geração e, portanto, não possui o efeito colateral de sonolência como ocorre nos remédios de primeira geração.

Segundo a autora da pesquisa, a farmacêutica Milena Rodrigues Morita, existem três etapas realizadas que comprovam a bioequivalência de dois medicamentos. São elas a etapa clínica, analítica e estatística, sendo que todos os fármacos a serem testados precisam passar por essas três etapas, de acordo com recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

A questão, neste caso, é que a etapa analítica, justamente objeto de estudo da dissertação orientada pelo professor José Pedrazzoli Júnior, requer métodos de

quantificação específicos para cada medicamento a ser testado. Para a levocetirizina, ainda não havia sido desenvolvida uma técnica de quantificação que pudesse ser aplicada aos estudos de bioequivalência. Neste sentido, a pesquisa de Milena torna-se um importante instrumento de análises feitas para indústrias farmacêuticas.

Na etapa clínica, a primeira de um estudo de bioequivalência, são coletadas amostras de sangue em tempos pré-determinados em voluntários geralmente saudáveis após administração do medicamento. Num segundo momento é feita a quantificação do fármaco nas amostras biológicas. Para finalizar, os dados gerados na etapa analítica sofrem um tratamento estatístico para verificar se o medicamento-teste apresenta bioequivalência em relação ao medicamento referência.

A pesquisa demonstrou não só método e parâmetros eficazes de quantificação de fármaco, como também foram obtidos resultados precisos e eficientes para os testes de bioequivalência, utilizando a técnica de cromatografia líquida de alta eficiência acoplada à espectrometria de massas. (R.C.S.)

Foto: Antoninho Perri



Farmácia em Campinas: métodos de quantificação específicos para cada medicamento a ser testado